

Dr. Jonathan Greer, Arqueologia e o Antigo Testamento, Sessão 2, Métodos Arqueológicos

© 2024 Jonathan Greer e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. Jonathan Greer em seu ensino sobre arqueologia no Antigo Testamento. Esta é a sessão 2, Métodos Arqueológicos.

Olá de novo. Vamos falar nesta palestra sobre métodos arqueológicos. E antes de realmente colocarmos uma pá na terra, precisamos nos lembrar, precisamos diminuir o zoom e lembrar o panorama geral de onde estamos, a geografia da terra. Agora, esta é uma subdisciplina totalmente independente em que poderíamos fazer uma série inteira de palestras sobre a prática da geografia histórica que envolve filologia, geografia propriamente dita, hidrologia e compreensão de paisagens.

E assim, vamos apenas mergulhar nisso com a visão geral de por que o antigo Israel está nesta terra. Então, se pensarmos em Civilizações 101, você deve se lembrar disso desde o ensino fundamental. Você terá aprendido sobre as culturas fluviais e a ascensão da civilização em aproximadamente 3.000 aC.

E isto aconteceu no antigo Oriente Próximo em dois lugares, no Egito e no Vale da Mesopotâmia. Existe uma terceira cultura fluvial, o Vale Harappan, que deu origem às civilizações orientais que estão fora do nosso âmbito. Mas para o Levante Meridional, os dois principais epicentros das culturas fluviais são o Egito e a Mesopotâmia.

E a beleza de uma cultura fluvial é que você pode cultivar mais alimentos do que comer. Então, se você tem um excedente de comida, isso pode ser convertido em energia através de dois mecanismos principais. Então, uma delas é que você pode trocar sua comida adicional por recursos.

Você pode avançar em direção a uma economia especializada se puder alimentar certas pessoas e elas não precisarem gastar seu tempo coletando alimentos. Ou você pode, no lado violento das coisas, alimentar um exército para roubar coisas de outras pessoas. Então, esta é a razão pela qual essas culturas fluviais têm uma longa história.

Portanto, tanto no Egito como na Mesopotâmia, é onde temos a nossa primeira evidência nestas regiões de civilização. E então eles sobem e descem muitas vezes ao longo da grande história da terra. Também temos duas características geográficas naturais que canalizam qualquer tráfego entre essas culturas fluviais.

E isso seria o Deserto Oriental, o Deserto da Síria a leste e o Mar Mediterrâneo a oeste. Assim, esta região foi apropriadamente apelidada por Jim Monson e muitos

que o seguem no Jerusalem University College como a terra entre, a terra entre. E adoro essa designação porque nos lembra que é a terra entre as superpotências, mas também é a terra entre o deserto e o mar.

E assim, a história que se desenrola na Bíblia, o quadro geral é ditado, se olharmos para a longa duração da história, vemos esse fluxo e refluxo do tráfego que atravessa esta terra intermediária. Também chamamos esta região de Levante, mas isso, dirão alguns, trai uma perspectiva ocidental. O Levante desde o nascer, o nascer do sol é apenas a perspectiva do leste.

Outros falarão disso em termos geológicos, no que diz respeito às placas e coisas assim, como a Síria e a Palestina. Mas nesta terra acontecem os acontecimentos da Bíblia. Então, você pode ver que desenhei setas ali que indicam que temos muitos conflitos nessas terras.

Isso nos lembra que quando encontramos essas superpotências na história bíblica, a principal razão pela qual eles estão interessados nessas terras está relacionada a essas dinâmicas de poder, à expansão de sua influência e, em última análise, ao domínio dessas rotas de comércio e comércio. Porque se você controlar os pedágios e os hotéis, você pode ganhar todo o dinheiro das pessoas que viajam. Então esse é o panorama geral da geografia do antigo Oriente Próximo no que se refere à nossa história.

E então, dentro da terra das terras bíblicas, agora Israel, Palestina, Jordânia, pedaços do Líbano e Egito, temos zonas longitudinais. Temos uma planície costeira; temos regiões montanhosas centrais e, entre elas, no sul, uma pequena zona tampão de colinas baixas e onduladas da Shephelah. E então descemos para o Grande Vale do Rift, o Vale do Jordão e depois subimos para o Planalto da Transjordânia.

Também vemos diferenças no clima e no tempo à medida que nos movemos de norte a sul. Geralmente, chove muito mais no norte e muito menos no sul do Negev, que recebe de zero a cinco centímetros de chuva por ano. E todo mês de janeiro é uma das viagens anuais que minha esposa e eu conduzimos.

Brincamos que estivemos lá muitas vezes no dia em que todos aqueles cinco centímetros caíram ao mesmo tempo, em janeiro, no Negev. Mas quando olhamos para a geografia, notamos que existem pontos de conflito entre esses impérios, e eles deixam resíduos no fato da destruição. Também temos terremotos.

Também temos abandonos naturais ao longo do tempo. Estes fornecem muitos dos locais onde escavaremos e procuraremos os restos materiais do passado da humanidade. Então, o que fazemos no campo? O que fazemos no campo? Bom, a primeira coisa é fazer pesquisas regionais.

E tem havido pesquisas de décadas realizadas em terras bíblicas que basicamente percorrem toda a terra e coletam cerâmica da superfície. Não estou cavando. Às vezes, eles fazem apenas uma pá.

Isso é tudo o que é permitido, um poço de teste de pá. Mas só percorrendo a superfície da terra, essa geografia de que falamos, e juntando cacos de cerâmica, pedaços de cerâmica. E aprenderemos em alguns pontos aqui que a cerâmica é nosso melhor indicador de datação relativa porque a cerâmica muda de estilo com o tempo.

Assim, avaliando a época dos pedaços de cerâmica que estão espalhados na superfície de sítios antigos, podemos ter uma ideia de quando este sítio foi ocupado na longa história do tempo. Agora, parece meio engraçado, certo, como a cerâmica sobe à superfície a partir de cada camada da civilização? Mas descobrimos que muitos dados de pesquisa, quando, de facto, escavamos os restos da cidade antiga, descobrimos muito que a superfície da cerâmica representa, e não em qualquer tipo de percentagem, de quanto tempo ou quão intensa é a ocupação. , mas pode nos dar uma ideia geral se havia pessoas lá no final da Idade do Bronze, na Idade do Ferro ou no período bizantino, etc.

Assim, pesquisas de superfície foram realizadas ao longo das últimas décadas em grande parte do território e podem indicar quando temos aumentos e quedas no número de assentamentos. Portanto, não diz nada sobre a intensidade do povoamento no local, mas tem muito a dizer sobre a comparação dos locais da Idade do Ferro com os locais do final da Idade do Bronze. Então, isso se tornará importante mais tarde em nossa discussão.

Mas é o primeiro passo para identificar onde os sites estão e quais sites estão ocupados em qual período. Podemos levar isso para a próxima etapa, que é a identificação do local. Este é o domínio da geografia histórica propriamente dita que incluirá a Bíblia e outros registros antigos, como o Onomasticon de Eusébio, uma lista de nomes de lugares muito posteriores que pode dar alguma indicação da localização relativa de locais entre si no hora de escrever.

Também temos registros das superpotências que chegaram até ordens de locais e suas listas de conquistas, etc. Depois temos dados bíblicos ricos, fronteiras tribais e listas administrativas. Através deste processo e também identificando os pontos de referência listados nestes E o melhor, de vez em quando, como em Tel Dan, você pode obter uma inscrição que realmente menciona o nome do local que confirma a identificação que você conseguiu. juntos através de uma análise de textos antigos e geografia.

Depois que um local é identificado, e às vezes ele não é identificado e decidimos cavar mesmo assim, iniciamos a escavação por telefone . Dois L em hebraico e um L,

desculpe, um L em hebraico e dois L em árabe enquanto transliteramos ambos para o inglês. O que é um telefone ? Então, montei algumas animações bem sofisticadas para você demonstrar o que é um tel .

Então, você pode julgar se eu tenho um futuro que falha na Bíblia e se você tem uma cidade antiga, e as cidades antigas da antiguidade foram escolhidas primeiro por sua localização geográfica. Então, eles estão sempre, você quer pensar na água. Portanto, existem locais antigos que estão longe de cursos de água onde a água tem que ser retirada de longe ou canalizada em períodos posteriores.

Mas a maioria dos nossos assentamentos, os maiores e mais duradouros assentamentos, têm a sua própria fonte de água nas proximidades. Pode ser água de poço natural ou de nascente natural ou de poço, ou também temos cisternas, grandes cavernas escavadas no calcário para recolher a água da chuva que pode ser absorvida durante todo o ano. Mas temos uma fonte de água, e por isso os povos antigos irão estabelecer-se perto dessa fonte de água, e depois as estradas irão ligar estes antigos assentamentos.

Então, pense nisso como um antigo assentamento onde tivemos um incêndio terrível. Agora, esta é uma ilustração gentil. Todos saíram e ficaram bem, mas a cidade inteira pegou fogo e deixou um grande monte de cinzas destruído.

Agora, pensamos em termos modernos que, se isso acontecesse, talvez limparíamos todo o local, cavaríamos uma nova fundação e começaríamos a reconstruir. Bem, nos tempos antigos, eles nunca fariam isso. Primeiro de tudo, eles não vão sair porque a água está ali e a estrada está ali, então eles vão querer esse local.

E então madeira e pedra, você tem blocos de pedra que já estão talhados, já esculpidos. E a madeira é muito, muito rara nestas terras. As melhores florestas ficavam ao norte, na Fenícia, hoje Líbano.

E assim, eles reutilizariam todas as madeiras que pudessem, todos os blocos que pudessem, quaisquer materiais. Então, eles constroem, literalmente das cinzas, reconstroem outra cidade exatamente no mesmo lugar. Exatamente o mesmo lugar.

Agora que estamos, isso pode acontecer vários anos depois, pode acontecer uma década depois. E então, digamos que haja um terremoto. E novamente, todos saíram bem, todos estão bem, mas a cidade está em ruínas e deixou agora outra camada destruída bem em cima da primeira camada.

E adivinha? Eles constroem outra cidade com os restos daquela cidade destruída, ainda perto da água, ainda perto da estrada. E este aqui foi abandonado com o tempo, e então as areias se movem, os depósitos de terra se movem, talvez estejam

perto de um vale inundado, as coisas são levadas pela água. E temos resíduos desta cidade que foram abandonados na hora certa.

E adivinha? Eles constroem outra cidade no mesmo lugar, e adivinhem? Este também é destruído pelo fogo. Todo mundo conseguiu entender, mas é só fogo porque achei que essa era a automação mais legal que existe nas transições de slides. Mas agora temos este efeito de diferentes camadas de civilização sobre civilização.

Cidade em ruínas após cidade em ruínas. Isso é o que chamamos de Tell, um monte artificial que representa cidade em ruínas após cidade em ruínas. Em qualquer viagem pelo antigo Oriente Próximo, você os verá pontilhando a paisagem.

Eles são muito semelhantes aos aterros sanitários dos Estados Unidos, mas geralmente ficam escondidos atrás das árvores. Mas aqui você pode ver esses montes em todo o antigo Oriente Próximo. Agora, como vamos entender e namorar uma história? Bem, o segredo está nos artefatos materiais associados a cada camada de destruição.

Então aqui coloquei pequenas silhuetas de uma tigela, um jarro e uma vista aérea de uma lamparina a óleo onde eles colocavam o pavio aqui, um pouco de óleo, e essas eram as luzes do mundo antigo. Então, digamos que neste primeiro nível as tigelas têm esta aparência, os jarros têm esta aparência e as lamparinas a óleo têm esta aparência. Pois bem, no próximo nível, podemos notar que há uma mudança estilística em cada uma dessas embarcações.

Um exemplo moderno que poderíamos imaginar seria o recipiente da Coca-Cola. Então, na década de 60, você tinha essas garrafas de Coca-Cola, garrafas de vidro, ainda usadas em certas partes do mundo hoje, mas trazidas, recicladas e recarregadas com Coca-Cola. Então, na década de 70, eles trouxeram essa lata de alumínio que tinha abas de puxar muito perigosas, laterais muito grossas e duras, e então, na década de 80, eles mudaram para uma lata de alumínio mais fina e depois para uma parte superior cônica para uma aba de puxar mais segura que não saiu completamente.

E então, na década de 90, garrafas plásticas, e então você poderia cavar no chão e encontrar uma embalagem de Coca-Cola, e provavelmente poderia me dizer a década em que esse depósito foi feito por causa da mudança no estilo da Coca-Cola. -Navio de cola. E aí você tem algumas complicações, é claro, porque na época do Natal eles podem trazer de volta as tradicionais garrafas de Coca-Cola, e assim por diante. Um colecionador pode manter um estoque que, se estiver em um depósito, pode ficar confuso.

Também temos esse tipo de coisa na arqueologia. Mas você entendeu. Com o tempo, o estilo da embarcação muda.

Isto pode nos dar uma ideia da cronologia relativa – esta mudança no estilo do navio. Agora, como datamos as camadas? Então, datação relativa, podemos dizer que este nível é anterior, é anterior a este nível.

Superposição simples, um termo que podemos pegar emprestado da geologia e que diz que o material anterior é mais profundo do que o material mais recente. Mas sabemos que está longe de ser tão simples. Então, todos nós gostamos do efeito de bolo em camadas, e isso dá uma ideia de como isso funciona.

Mas, na realidade, as pessoas estão cavando trincheiras, fundações, sepulturas. Eles estão reutilizando material de períodos posteriores e colocando-o em camadas posteriores. Ou quando estão cavando um buraco, colocam o material anterior em cima do material mais recente.

Na prática, é muito mais complicado. Mas, em geral, exibimos a cronologia relativa com base na sua profundidade em relação a outros materiais. Então isso é um namoro relativo.

Agora, para datação absoluta, temos diferentes métodos que podem tentar colocar âncoras cronológicas em camadas específicas, ou o termo arqueológico é estratos. Assim, um estrato é uma camada individual de material, restos arquitetônicos e restos materiais de um determinado período de tempo. Assim, podemos olhar para os vários estratos e tentar fixar âncoras cronológicas para ajudar a datar a nossa cronologia relativa.

Agora, nossa melhor âncora científica que está sendo cada vez mais usada na arqueologia do Levante Meridional é a datação por radiocarbono, que analisa a meia-vida de elementos específicos que são então calibrados em relação aos anéis das árvores e voltando no tempo para serem capazes de fixar os anos da história como pensamos nos anos. Agora, mesmo assim, há muita margem de manobra que pode facilmente ser de 50 a 75, se não mais, faixa de erro que produziu algumas grandes complicações em um dos debates que assolam a chamada arqueologia bíblica pertencente ao século X. e a existência de uma chamada monarquia unida. Então, falaremos sobre isso no futuro, mas a datação por radiocarbono e quanto mais amostras tivermos que possam ser plotadas e agrupadas, poderemos ter uma ideia melhor da data absoluta de cada uma dessas camadas.

E então o que podemos fazer é comparar as camadas de um site com as camadas de outros sites. Então, podemos começar a combinar isso com os dados que coletamos de levantamentos de superfície e começar a reconstruir a ocupação durante

determinados períodos. Também podemos traçar tendências de mudança na civilização.

Havia muita gente, menos gente? Vemos mudanças populacionais? Podemos ligá-los a campanhas militares históricas de potências estrangeiras? E assim por diante. Tudo isso, novamente, é incrivelmente complicado, mas você já tem uma ideia de como fazer essas perguntas. Além de dados científicos concretos, também podemos usar restos epigráficos e restos escritos quando os temos.

Assim, em períodos posteriores, podemos usar moedas que tenham a data. Bem, eles não têm a data, mas o governante específico que reconstruímos com cronologias para voltar a uma data específica com base em listas de reis que podemos coordenar. Também temos escaravéis egípcios funcionando, no formato de um besouro com uma inscrição na parte inferior que frequentemente menciona um determinado faraó.

Porém, eles podem ser complicados, porque às vezes foram mantidos por gerações. Eles têm uma aparência muito legal e exótica para alguém do Levante, se tiverem sido recebidos secundariamente. Então, isso às vezes pode continuar.

Então, eles só podem nos ajudar em uma direção do namoro. Portanto, temos certas coisas que podemos aplicar para tentar fixar datas absolutas e coordenar isso com nossos dados para datação relativa. Então, isso é um pouco sobre o que é uma indicação e como dataríamos os restos dessa indicação.

A próxima coisa quando tivermos os sinais é começar a escavar através deles. Às vezes, isso é feito com uma grande trincheira aqui de Tell Rehov, onde estive em 2007 como voluntário. E você pode ver que mesmo dentro da trincheira há designações de diferentes espaços.

Você pode ver características arquitetônicas, uma fundação de pedra. Você pode ver evidências da arquitetura de tijolos de barro no escorregador e em diferentes instalações de pedra. Bem no fundo, aqui no nível da Idade do Bronze Final, descobrimos uma instalação de fusão para metalurgia.

Assim, você pode ver as camadas que se coordenam com os diferentes períodos de tempo. Aqui permanece a Idade do Bronze Final, Ferro I e Ferro II mais acima na encosta. Mas, em geral, a maneira como começamos em um pedaço de terreno é mapear um quadrado de 5 por 5 metros e depois começar a descer lentamente, camada por camada, deixando um volume de 1 metro, que é essencialmente um muro de contenção para definir os quadrados.

Mas também nos dá algum controle na identificação das diferentes camadas estratigráficas, porque a arqueologia é uma ciência destrutiva. Você está removendo

material, catalogando-o, mas não pode devolvê-lo exatamente como o encontrou. Portanto, é uma ciência destrutiva.

Depois de remover essas informações, você não poderá voltar atrás. E então o que se torna muito importante na escavação é o registro, os métodos de registro. Então, à medida que descemos camada por camada dentro desses quadrados de 5 metros, algumas pessoas farão quadrados de 10 por 10 metros.

Existem diferentes técnicas de escavação. Mas descemos com muito cuidado. Então, às vezes, se há muito solo superficial proveniente de uma atividade agrícola moderna, etc., podemos ir mais rapidamente e usar ferramentas maiores.

Mas à medida que nos aprofundamos nos restos materiais, usamos com muito cuidado nossa ferramenta principal, a espátula, a espátula de pedreiro, raspando à medida que descemos apenas alguns milímetros de cada vez, varrendo com escovas e depois com a terra que coletamos. , quando feito com muito cuidado, seria passado por uma tela ou peneira de diferentes tamanhos para isolar quaisquer fragmentos de cerâmica, restos de ossos de animais ou quaisquer objetos, artefatos. Também pegaremos um pouco desse solo, colocaremos em um balde, adicionaremos água e o material orgânico flutuará na superfície, que poderá ser examinado ao microscópio para identificar as diferentes espécies de plantas presentes. Portanto, há uma série de outros métodos arqueológicos que poderíamos aplicar naquela época.

Mas torna-se muito importante registrar tudo o que desenterramos. Então, isso é feito através do uso de computadores que aprimorou muito nossas técnicas de gravação. Desde o mapeamento de estruturas antes mesmo de cavarmos através de radares de penetração no solo, até a identificação de locais aéreos por meio de imagens de satélite ou imagens aéreas de aviões, até a documentação de quando normalmente escavaríamos.

Tradicionalmente, estes eram esboçados e os diferentes estratos eram desenhados por um artista. Agora, usamos fotografia digital de alta resolução e até mesmo técnicas no domínio da fotogrametria que irão sobrepor fotografias com esboços que estão atrelados ao GPS para mapear locais específicos e precisos no espaço e no tempo, tanto fotograficamente quanto para ligá-los espacialmente através de dados de GPS, para criar modelos 3D conforme você desce camada por camada. Também usaremos drones para filmagens aéreas locais para obter uma visão geral do local.

Então gravar é muito, muito importante. Alguns estão até usando vídeo enquanto estamos interagindo agora. À medida que você desce, você obtém uma imagem em movimento do processo.

Então gravar é muito, muito importante. O próximo passo é a análise das pedras, dos ossos, dos potes, do material e dos restos orgânicos. Como mencionei, isso se tornou bastante sofisticado na aplicação de ciências exatas a restos botânicos, vestígios zooarqueológicos, estudos de DNA e estudos de isótopos.

Também poderemos pegar artefatos específicos ou grandes grupos de dados e explorar como eles podem adquirir significado através de lentes etnográficas baseadas no princípio da analogia. Se encontrarmos um artefato, para que esse artefato foi usado? Muitas vezes me lembro daquela cena de A Pequena Sereia em que a heroína coleta coisas diferentes da superfície e tem um garfo. E eu esqueci como ela chama, mas ela mexe no cabelo com o garfo, pensando que era algo para um produto de beleza para o cabelo de um garfo.

Mas todos nós sabemos que não é assim que se usa um garfo. Então, às vezes, nossas suposições podem estar erradas. Mas o que fazemos lá, às vezes isso pode nos ajudar, é olhar para as sociedades tradicionais de hoje, que muitas vezes usam algumas das mesmas tecnologias que estavam presentes no mundo antigo.

E isso pode ser em termos de estruturas gerais, estruturas sociais, até detalhes de como um certo tipo de panela de barro é feito e cozido. Assim, com base no princípio da analogia, isso às vezes é chamado de etnoarqueologia. Às vezes, pode envolver um componente experimental.

Como mencionei, trabalho com ossos de animais. Recebi animais inteiros e grandes pedaços de carne de açougueiros, fazendeiros e caçadores, e posso me envolver em certas práticas de abate para ver quais marcas de corte ficam no osso ou para comparar cortes específicos de carne com diferentes representações iconográficas de cortes de carne. carne em representações murais, e assim por diante . Portanto, existem muitas ferramentas diferentes à nossa disposição na fase de análise.

A fase final, e em muitos aspectos a fase mais importante e com a qual muitos de nós em nossa área temos problemas, é a fase de publicação. E que todos esses dados recolhidos pelos arqueólogos só são conhecidos por poucos até que sejam publicados. Publicado em formato impresso ou cada vez mais publicado digitalmente e quando for melhor feito, publicado digitalmente como dados de código aberto para que as pessoas possam olhar e ver quais são os resultados que foram coletados a partir dessa enorme quantidade de dados e sintetizados por aqueles mais familiares com ele em seu contexto, mas depois torná-lo disponível gratuitamente para a comunidade interpretativa do mundo.

Assim, a publicação torna-se uma parte final essencial do processo. Isso é um pouco sobre o panorama geral, a geografia e, em seguida, focar no que realmente fazemos no campo. E há mais uma peça importante que poderia ser como a geografia histórica, sobre a qual poderíamos fazer uma série inteira de palestras.

Mas aqui, apenas para mencionar brevemente, outra ferramenta à nossa disposição quando pretendemos reconstruir os mundos histórico, cultural e social, o mundo antigo para ler os textos bíblicos nesse contexto é a incorporação de dados do antigo Próximo Textos e imagens orientais. Textos e imagens do Antigo Oriente Próximo. Portanto, isto, tal como a arqueologia, é um empreendimento muito recente porque muitas destas línguas só foram decifradas há relativamente pouco tempo.

Então, se você pensa em egípcio, todos vocês estão familiarizados, tenho certeza, com a famosa Pedra de Roseta que inclui duas formas de egípcio e uma forma de grego e uma das formas de egípcio, então uma é demótica, a forma cursiva, e o outro são os hieróglifos egípcios. Ora, a escrita hieroglífica foi perdida nos primeiros séculos da nossa era. As pessoas pararam de escrever em escrita hieroglífica.

E essa linguagem foi perdida para o mundo. Agora, os gregos continuaram, então, comparando o grego, particularmente os nomes em grego, com nomes que foram isolados nos egípcios pela cartela, por um círculo, eles foram capazes de trabalhar de trás para frente usando a língua falada do copta para ajudá-los com sons e vocabulário específicos para finalmente decifrar a escrita hieroglífica. Quando isso foi feito, milhares e milhares de textos que antes eram ilegíveis estão agora à disposição de estudiosos de todo o mundo.

Então, isso só aconteceu com Champollion em 1822. Então, a Pedra de Roseta foi encontrada por Napoleão e perdida para os britânicos no conflito no Egito em 1799, e então nesta corrida para decifrá-la, a maioria daria crédito a Champollion em 1822, embora há outros envolvidos. Algumas décadas depois, Sir Henry Rawlinson fez o mesmo com as línguas mesopotâmicas, pendurado em uma corda na inscrição Behistun e anotando e fazendo uma conexão entre o persa antigo e a escrita cuneiforme usada para o acadiano.

E uma vez que a escrita cuneiforme é quebrada, então temos a língua acadiana, o acadiano, seja ele assírio ou babilônico. Mais tarde, temos o hitita, que usa uma escrita cuneiforme, mas é uma língua muito diferente, uma língua indo-europeia, na verdade. Mas agora temos esta explosão de enormes arquivos, inscrições nas paredes do mundo antigo.

Também temos imagens do imaginário egípcio de tumbas e palácios. Da mesma forma, na Mesopotâmia, tudo isso está de mãos dadas com esta explosão da arqueologia em meados do século XIX. Então, há essa correria e essa explosão de dados.

Poderíamos acrescentar algo a isso. Mencionei o hitita, mas também o semítico do noroeste, diferentes línguas e dialetos semíticos do noroeste. Portanto, os fenícios, os moabitas, os hebraicos, os aramaicos e os ugaríticos usam uma escrita

cuneiforme, mas é uma língua alfabética logo ao norte do antigo Israel, com textos do século 13 aC que mencionam figuras como Baal e Asherah e se envolvem com motivos míticos que vemos interação dentro dos textos bíblicos. Então, temos todos esses textos, essa enxurrada de textos do final do século XIX e do início do século XX.

Quando procuramos envolver a história, a cultura e as estruturas sociais do mundo antigo, temos a arqueologia, mas esta é enquadrada por descobertas em investigações arqueológicas, como estas inscrições. Assim, fornecemos agora uma breve introdução e, nesta palestra, falamos sobre metodologias empregadas em nosso envolvimento com o mundo antigo. E agora vamos nos voltar para a história do antigo Israel em seu contexto.

Então, quando temos essas ferramentas à nossa disposição, quando olhamos com lentes arqueológicas em particular e entendemos o que é a Bíblia, o que é arqueologia, como essas coisas se combinam em nossa grade dos três C's de complementar, esclarecer e complicando? Então, é para lá que nos voltaremos a seguir.

Este é o Dr. Jonathan Greer em seu ensino sobre arqueologia no Antigo Testamento. Esta é a sessão 2, Métodos Arqueológicos.